



**CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

PROJETO GARIMPANDO MEMÓRIAS

LEONARDO TRÁPAGA ABIB

(depoimento)

2011

CEME-ESEF-UFRGS

FICHA TÉCNICA

Projeto: Garimpendo Memórias

Número da entrevista: E-226

Entrevistado: Leonardo Trápaga Abib

Nascimento: 12/11/1985

Local da entrevista: Casa de Los Cuatro, Salvador França, nº 861, Porto Alegre.

Entrevistador: Carlos Alberto Perdomo Fazenda Junior

Data da entrevista: 07/10/2011

Transcrição: Fabiane de Oliveira Batista

Copidesque: Marco Antonio Ávila de Carvalho

Pesquisa: Marco Antonio Ávila de Carvalho

Fitas: Gravador digital

Total de gravação: 43 minutos e 50 segundos

Páginas Digitadas: 15

Observações:

O Centro de Memória do Esporte está autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, este depoimento de cunho documental e histórico. É permitida a citação no todo ou em parte desde que textual e que a fonte seja mencionada conforme especificação abaixo

ABIB, Leonardo Trápaga. *Leonardo Abib (depoimento, 2011)*. Porto Alegre: CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE - ESEF/UFRGS, 2011.

Sumário

Envolvimento com o Diretório Acadêmico da ESEF/UFRGS, com o Movimento Estudantil; locais onde eram feitas as refeições antes do Restaurante Universitário da ESEF: dificuldade de deslocamento, de realizar refeições saudáveis, com preços compatíveis com os estudantes; bares existentes na ESEF antes do RU; participação na campanha “RU na ESEF Já”: atos, reivindicações, ocupação da Reitoria da UFRGS; formas de mobilização dos estudantes: banda “Talibã”, músicas, estudantes que fizeram parte; pontos importantes da campanha “RU na ESEF Já”: participação e apoio de alguns integrantes da comunidade acadêmica (estudantes, professores, servidores); opinião sobre o Movimento Estudantil: importância na sua formação, relação atual com o movimento.

Porto Alegre, 07 de outubro de 2011. Entrevista com Leonardo Trápaga Abib, a cargo do pesquisador Carlos Alberto Perdomo Fazenda Junior, para o Projeto Garimpendo Memórias do Centro de Memória do Esporte.

C.J. - Antes da campanha “RU na ESEF Já”¹, qual a sua relação com o Diretório Acadêmico² ou o Movimento Estudantil?

L.A. - Era mais com as pessoas que faziam parte. Eu não integrava diretamente o Diretório, não participava das reuniões, mas tinha uma aproximação com muitas pessoas que eram do Diretório e do Movimento Estudantil. Mas, a partir da campanha “RU na ESEF Já”, eu comecei a integrar mais organicamente o movimento.

C.J. – Antes da campanha, qual a visão que tu tinhas do Movimento Estudantil?

L.A. - Eu tinha uma visão de que era uma coisa necessária, importante. Mas estava me faltando um pouco de pró-atividade para ingressar no Movimento Estudantil. Já tinha um engajamento prévio. Inclusive, nas eleições de 2006, fui convidado para fazer parte das duas chapas até. Fui procurado pelas duas, mas preferi não assumir a responsabilidade de estar na nominata. Depois que venceu a chapa que tocou a campanha “RU na ESEF Já, eu falei que com certeza apoiaria as movimentações, mas não queria dar o nome na época.

C.J. - Antes da campanha, o que tu sabias sobre o Restaurante Universitário na ESEF?

L.A. - Para mim, Restaurante Universitário era uma coisa distante. A gente tinha que caminhar 30 minutos até o *Campus* da Saúde ou até pegar um ônibus até o *Campus* do centro. Meu primeiro contato com o RU foi no primeiro semestre porque eu fazia uma disciplina no *Campus* do Vale e almoçava lá. Mas era só uma vez na semana e a gente tinha aula até as onze horas. Depois tinha que voltar para aula às 13h e 30min. Era bem complicado esse traslado. Então, a gente acabava realmente sem fazer as refeições nos RU's do centro e da saúde por causa do deslocamento e com o medo de perder a aula que havia depois.

¹ Campanha que visava à construção de um Restaurante Universitário no Campus Olímpico da UFRGS, onde se localizava somente o curso de Educação Física, na época.

C.J. - E como é que os estudantes da ESEF se alimentavam antes do RU?

L.A. – [silêncio] Olha, basicamente, nas padarias e restaurantes que tinham ao redor ali do Jardim Botânico³. Mas com certeza não é a mesma coisa do que tu poderes acessar algo que é direito teu, enquanto estudante da universidade pública. Se existe uma política de assistência estudantil, então todo estudante tem direito a ela. Mas ali, como eu entrei em 2005, 2005, 2006, 2007 e parte de 2008, esse direito meio que foi negado ao nosso *Campus*.

C.J. - E essa padaria que tu falaste, como que era? O que tinha de refeição lá?

L.A. – A refeição eram salgados. Nada muito nutritivo. Não era a mesma coisa que um feijão, um arroz, salada e carne. Bem longe disso.

C.J. - Tinha uma opção de almoço, comida, refeição que não fosse salgado ali perto da ESEF também?

L.A. - Tinha os pratos feitos que eram em torno de R\$6,00 em alguns lugares de duvidosa procedência. Não sei se a vigilância sanitária [riso] impediria esses lugares de ofertarem refeições, mas era o que se oferecia. Ou então tu caminhavas até a Avenida Ipiranga para comer uma refeição de R\$11,00, R\$12,00 no Shopping Bourbon.

C.J. - Os estudantes iam nesses lugares quando não tinha RU?

L.A. – Eles se distribuía. Muitos traziam comida de casa e aí tinham que dar um jeito também. O pessoal tinha que se virar mesmo. O acesso é que era difícil: ou pagavas caro ou tu pagavas pouco, mas não comia decentemente. Comia um salgado, uma coisa menos nutritiva.

C. J. - Tu disseste que entrou em 2005. Quantos bares e restaurantes tu pegou ali dentro da ESEF, do espaço dentro da universidade?

² Diretório Acadêmico da Escola de Educação Física da UFRGS.

³ Bairro onde se localiza a Escola de Educação Física da UFRGS.

L.A. - Antes do RU, acredito que eu tenha pego dois bares. Um deles era o Maranghello⁴, que foi ali em 2006, 2007. Em 2005 eu não lembro o nome do bar. Era um outro bar também. Foram esses dois.

C.J. – E, dentro da campanha, como que foi a tua participação, o teu envolvimento?

L.A. - A gestão que venceu a eleição do D.A. de 2006 assumiu o seu compromisso de campanha e começou a fazer uma grande mobilização pelo RU na ESEF. Eu me lembro de participar dos altos almoços que o D.A. fazia. Lembro também das enquetes que o pessoal fazia perguntando: “Se tivesse RU na ESEF, quantas vezes você almoçaria na semana? Quantas vezes você jantaria na semana?”. Foi uma campanha muito bem articulada. Ela tocou em vários pontos e eu lembro que eu não fui no primeiro ato - o Ato da Entrega da Carta ao Reitor - mas eu fui no segundo ato, que foi quando a gente entrou no Conselho da Universidade junto com outros estudantes de outros cursos. Eu lembro da questão do pessoal do I.A. - Instituto de Artes - reivindicando um prédio novo e eu lembro que o primeiro ato grande que eu participei foi em meados de 2006 quando a gente entrou no Conselho Universitário. Foi uma mobilização grande. Tivemos que passar pelos seguranças. Não foi fácil, mas entramos, ocupamos o lugar e o Movimento Estudantil fez as falas necessárias.

C.J. - Tu participaste de mais algum ato depois?

L.A. – Sim, com certeza. Isso foi só o início. Depois passei a integrar o D.A. mesmo, de corpo e alma. Em 2007, fizemos uma nova eleição. Ganhamos, nos reelegemos e, em 2007 mesmo, a gente teve a ocupação da Reitoria que talvez tenha sido o ápice. Eu lembro que a ESEF foi o *Campus* que mais levou estudantes para a ocupação da Reitoria. O pessoal tem aquela coisa de os estudantes de Educação Física não serem muito politizados. Então, a gente causou certo estranhamento nos demais. Eles se surpreenderam porque havia um monte de estudantes da ESEF lá. Mas tudo isso [trecho inaudível] é uma campanha que foi sendo amadurecida durante todo o ano de 2006, durante 2007 e foi bem importante o ato. A gente fez com diversas outras pautas. Era o momento da conjuntura nacional favorável.

⁴ Confeitaria que servia doces e salgados no *Campus*.

A gente estava tendo a ocupação de outras reitorias. Eu lembro que a USP⁵ foi a primeira Reitoria a ser ocupada. Depois a gente passou por um processo de várias reitorias de universidades públicas sendo ocupadas pelos estudantes. Então, a gente aproveitou também várias pautas, não só o “RU na ESEF Já”, mas tantas outras. Ali surgiu a banda “Talibã”. A gente participou ativamente com os instrumentos, com as canções, as palavras de [palavra inaudível] e foi um espaço muito importante, uma grande união dos estudantes, independente de ter pautas específicas ou não. Mas também foi um espaço importante de negociação porque havia também as divergências. Nem só de consenso a gente estava ali. Foi uma ocupação vitoriosa, que não durou tantos dias. Acho que com as articulações feitas não foi preciso tanto tempo e, se não me engano, em três dias de ocupação a gente conseguiu bons frutos, que a gente iria colher mais tarde.

C.J. - E nesses atos que tu falastes, qual a tua participação? No que exatamente tu participavas dentro dos atos, dentro das ações da campanha?

L.A. – Bom, eu acho que eu participava mais na questão da base mesmo, da questão de ficar responsável junto com outros colegas pela animação dos atos. A banda da ESEF era conhecida porque, quase todo ato que o DCE⁶ puxava, estava lá a banda da ESEF. Fizemos muitas músicas. Algumas ficaram bem famosas, como as músicas da campanha “RU na ESEF Já” e era um jeito de mobilizar mesmo a base. Porque a gente tinha pessoas encabeçando, sempre conversando com a SAE⁷, fazendo essas conversas mais com o DCE, mas também tinha que ter um pessoal mais envolvido para conversar mesmo, diretamente com os estudantes, para tentar chamar os estudantes para os atos, para conscientizar eles de que a gente não estava lutando somente por uma refeição mais barata - de R\$1,30 – mas que aquilo ali era uma política de assistência estudantil. Todos tinham o direito de ter e por que não tinha um RU num *Campus* com uma circulação de quase 1000 pessoas? Porque não ter um RU? Por que esse direito não pode ser estendido até nós? E acho que foi importante essa questão da gente ter a banda e fazer as músicas. Era um jeito de chamar as pessoas que não estavam querendo se envolver tanto com as questões mais de negociação política mesmo. Aí a gente foi conseguindo trazer mais pessoas para a campanha.

⁵ Universidade de São Paulo.

⁶ Diretório Central de Estudantes da UFRGS.

C.J. – O que mais tu tens para falar sobre banda “Talibã”? Ela era composta por quem?

L.A. – Dá para dizer que a banda tinha muitos participantes. Tinha alguns mais ativos, porque também não tinha instrumento para todo mundo. Quem não tocava, ajudava a construir as músicas. O pessoal sempre abusou bastante da criatividade para poder criar músicas que dialogassem com a população, porque não adiantava ser uma música que só a gente ia entender. Tinha que ser uma música para chamar, para fazer agitação mesmo. A nossa função na campanha era da agitação. A gente tinha que deixar o pessoal animado, tinha que fazer a mobilização, chamar o pessoal para a rua, para compor junto. E eu lembro que a gente tinha que criar a música também não só para o RU, mas também para as outras... Inclusive, a gente acabou recebendo uma tarefa bastante interessante: tínhamos que também fazer músicas para as outras campanhas. Eu posso lembrar aqui de uns colegas: o Guilherme⁸, o Paludo⁹, que participavam bastante, o Anderson¹⁰, que na época era “bixo”¹¹ e já estava ingressando também, e vários outros colegas. Depois, o Mário¹², o Duran¹³, o Fred¹⁴. O bom é que ia mudando. O pessoal ia saindo, mas ia entrando um pessoal novo, tanto é que a banda existe até hoje com pessoas diferentes e porque a função da banda permanece necessária ainda nos dias de hoje. Eu disse aqui alguns nomes, mas com certeza tinham muitos outros que também contribuíram e ajudaram bastante. O Berna¹⁵ também. Me deixa pensar em mais algumas pessoas... O Vico¹⁶... Vários outros.

C.J. – As músicas saíam de onde?

L.A. – Olha, tinha uma inspiração no movimento das torcidas de times de futebol. Geralmente, eram paródias, porque alguns colegas faziam parte dessas torcidas e a gente então, naquela coisa de fazer o protesto com criatividade, com bom humor e também para

⁷ Secretaria de Assuntos Estudantis da UFRGS.

⁸ Guilherme Fialho Grigol.

⁹ Douglas Marcelo Paludo.

¹⁰ Anderson Dalpiaz Pereira

¹¹ Termo utilizado para o recém ingressante na Universidade.

¹² Provavelmente referindo-se a Rafael Bordin Schuch.

¹³ Felipe Corseuil Duran.

¹⁴ O próprio entrevistador, Carlos Alberto Perdomo Fazenda Junior.

¹⁵ Guilherme Bardemaker Bernardi.

¹⁶ Vicente Cabrera Calheiros.

serem músicas que dialogassem com as pessoas, a gente pegava os ritmos e colocava em cima uma nova letra.

C.J. – Quais os pontos da campanha que tu acredita que foram os mais importantes para o sucesso dela?

L.A. – A organização, a forma como ela foi sistematizada, as várias plenárias e reuniões ampliadas do D.A. que serviram para dialogar com a base. Foi muito importante a articulação com o DCE e com os outros estudantes da UFRGS. Virou uma campanha não só da ESEF, mas uma campanha da UFRGS toda. Vendemos camisetas da campanha do “RU na ESEF Já” para gente de vários cursos. Depois, inclusive, fizemos um time de futebol e um campeonato de futebol com o nome “RU na ESEF Já”. Então, foi uma campanha que ganhou a Universidade. E essa articulação foi importante, a conscientização dos estudantes, porque era aquela coisa: o cara não milita porque gosta, mas ele vai militar porque vai ver a necessidade de fazer isso e vai ver que sozinho ele não consegue. Ele diagnostica uma necessidade. Naquele caso: “Não temos RU. Somos um *Campus* que não tem RU”. Depois vê qual outra necessidade... Ele percebe que sozinho não vai conseguir ganhar um RU. Então, precisa se organizar. Essa conscientização foi bem importante, foi um ano onde muita gente entrou no D.A. a partir da campanha do “RU na ESEF Já”. Foi um marco. Foi quando muitas pessoas entraram no Movimento Estudantil. E os dois maiores momentos de entrada de bixos e “semi-bixos”¹⁷ no D.A. foi na divisão curricular entre Licenciatura e Bacharelado que também motivou os estudantes a verem essa necessidade de se organizarem, de reivindicarem. Havia colegas que estavam recém ingressando na Universidade e já estavam entrando no D.A. Bom, eu citei alguns pontos aí que eu achei mais importantes, mas tiveram, com certeza, outros tantos, mas acho que esses aí foram os mais importantes.

C.J. – E, para ti qual que foi o mais marcante desses pontos?

L.A. – [silêncio] [trecho inaudível] que teve, acho que ficou muito marcado os atos-almoço, as plenárias abertas, têm muitos que não sabem até hoje o que é um D.A. e o D.A. fazia reunião quase toda semana (ampliada), chamava os estudantes, conversava sobre as

propostas, chamava para os atos, porque sem base não teria como essa campanha engrenar e também a questão de sair dos muros da ESEF e ganhar a Universidade como um todo. Porque é um RU na ESEF, mas é um RU a mais na UFRGS e muitas outras pessoas iriam se beneficiar disso. Os técnicos iam se beneficiar, os professores, os estudantes de toda a UFRGS, os estudantes de Pós-Graduação. Então, acho que o caráter ampliado da campanha foi o que ficou mais marcante.

C.J. – E como que tu vias a participação da comunidade da ESEF (os estudantes, os professores, os servidores) dentro da campanha “RU na ESEF Já”?

L.A. – Eu lembro que poucos professores apoiavam (pouquíssimos), inclusive, alguns achavam que era um “elefante branco”, que nunca ia sair do papel, que não ia acontecer. Tentavam desmobilizar, deslegitimar o Movimento Estudantil e essas pautas. Alguns técnico-administrativos eu lembro que estavam apoiando, podiam não participar dos atos, das mobilizações, mas manifestavam seu apoio muito mais que os professores. Claro que a gente contou com alguns professores, como o Mário Brauner¹⁸, que foi um dos professores que ajudou bastante. Inclusive, falava em sala de aula da questão da necessidade, da importância dos estudantes fazerem parte disso. Também não vou dizer que a gente teve apoio de 100% dos estudantes, pois tinham estudantes que também não acreditavam. Eu lembro que um grupo de estudantes pegou o “slogan” “RU na ESEF Já”, trocou as letras e botou escrito “JURA”. Uma maneira irônica, achando que isso nunca iria acontecer, mas eu tenho convicção que a gente teve apoio da maior parte dos estudantes. Embora tivesse alguns que não acreditassem, não quisessem se envolver, eu acho que a gente teve um apoio bastante grande de pessoas que depois nem vieram a se envolver com o Movimento Estudantil, mas se mobilizaram para a campanha, ocuparam a Reitoria também, participaram dos atos. Claro, alguns ingressaram no Movimento Estudantil de vez, ficaram bastante tempo, fizeram parte das gestões futuras, fazem parte até hoje das gestões do D.A. Mas foi importante que a gente conseguiu mobilizar outros estudantes também. É isso que a gente diz: temos que estar sempre dialogando com a base, porque sem base o movimento acaba também.

¹⁷ Termo utilizado para os estudantes que estão no 2º semestre da graduação.

¹⁸ Mário Roberto Generosi Brauner, professor de Basquete da ESEF/UFRGS.

C.J. – E tu falaste sobre “elefante branco”. De onde surgiu esse termo?

L.A. – Olha, eu não sei de onde surgiu o termo, mas eu sei que saiu da boca de um dos professores da ESEF num tom de sarcasmo dizendo que era uma coisa que não iria ter, que não iria existir, que não adiantava a gente se mobilizar. O engraçado é que hoje esse professor usa bastante o RU [riso] da ESEF. Acabou também se beneficiando dessa conquista dos estudantes.

C.J. – E tu vias muito essa atitude por parte dos professores ou era pouco, de específicos professores?

L.A. – Não sei se era generalizado, até porque tinham alguns que não se manifestavam nem a favor nem contra. Mas eu lembro de a gente passar em sala de aula e alguns professores liberarem seus alunos para poderem participar dos atos. Mas lembro de outros que mal queriam que a gente entrasse em sala de aula [riso]. Foi engraçado o dia em que a gente entrou com instrumentos e tudo dentro das salas de aula e eu lembro que a professora Silvana¹⁹ liberou a turma para poderem participar do ato e foi a única: “A aula está dada. Depois a gente retoma o assunto. Vocês estão liberados para participarem”. Mas os outros viravam a cara, não apoiavam. Aí tinha muita gente que tinha muita coisa. Como eu falei antes, do Mário Brauner que era o professor mais presente mesmo, era um cara que ajudava na mobilização também. Que eu me lembre era isso.

C.J. – E teve algum professor que participou de algum ato, alguma manifestação em específico?

L.A. – Que eu lembre o único que participou foi o Mário Brauner. De todo o quadro de professores da ESEF foi o único. Inclusive, ele foi na ocupação da Reitoria. A gente tem uma foto histórica ali. Ele está ali também. Foi até a Reitoria dar uma olhada, dar uma conferida. Estava preocupado, queria saber como que a gente estava, se o panorama era favorável, se estava tendo muita repressão. Lembro-me que foi o único professor que esteve com a gente nesse sentido. Não me lembro de outros professores. Lembro que o

¹⁹ Silvana Vilodre Goellner, professora da disciplina de História da Educação Física.

Billy²⁰ ajudou a montar a campanha em 2006. Mas o Billy era professor substituto que saiu do Movimento Estudantil também e dava muita força nos espaços de formação do D.A. Mas, em 2007, ele já não estava porque já tinha encerrado o contrato dele. Que tenha contribuído mais efetivamente, eu lembro só desses dois.

C.J. – Quando os professores liberavam os alunos para irem para os atos, o que esses alunos faziam?

L.A. – Olha, eram pouquíssimos. Nas passadas em aula que a gente fazia, eram poucos que liberavam. Como eu falei, a Silvana liberou a turma. Lembro que o Adroaldo²¹ não encerrou a aula, mas não daria falta para quem quisesse ir. Eu lembro que uns cinco ou seis saíram da sala - ele realmente não deu falta -. O Mário também liberava os alunos para participarem, e os demais professores ou não liberavam ou não faziam questão. Tanto faz como tanto fez.

C.J. – Mas ao serem liberados os alunos iam para os atos?

L.A. – Uma parte sim, outra parte não. Tinham alunos que realmente iam para os atos. Eu lembro que a gente lotou um ônibus para ir ocupar a Reitoria. Lembro que a gente tirou bastante gente da turma da Silvana, alguns da turma do Gaya, outros da turma do Mário, e outros alunos que realmente optaram - como eu - em faltar e ficar com falta na disciplina. A minha era a aula de musculação. Faltei a aula e falei “Vou lá para a ocupação da Reitoria”. Então, também foi uma outra opção. É bacana que a gente não se arrepende até hoje de ter faltado essas aulas. Foi uma falta muito mais importante do que uma presença [riso] aquele dia. E assim a gente vai construindo.

C.J. – Teve algum momento da campanha que passou pela tua cabeça que o RU não sairia?

L.A. – [silêncio] Não. Eu achei que ele podia demorar, mas ele ia sair. Eu nunca achei que não fosse dar em nada. A gente estava muito confiante mesmo. Nosso coletivo estava bem grande, bem unido, bem coeso. A articulação com o DCE também estava bem segura na

²⁰ Billy Graeff Bastos.

época e, apesar de algumas divergências dentro do Movimento Estudantil, aquilo ali era uma pauta que nos unia. E o caminho que a campanha estava levando, eu tinha sim, certeza que o RU sairia. Achei inclusive, que eu não ia comer no RU antes de me formar, mas, felizmente, o RU foi inaugurado um dia depois do meu aniversário, no dia treze de novembro de 2008, e eu ainda tive um mês antes de me formar para comer no RU.

C.J. – E em que momento da campanha tu passou a ter certeza que o RU ia sair?

L.A. – Depois da ocupação da Reitoria. Ali eu achei: “Agora ele vai sair. Agora que o Reitor assumiu o compromisso. Depois de toda essa mobilização ele sabe que se ficar adiando muito o pessoal vai vir aqui e vai fazer barulho de novo”. Se tivesse, a gente iria ocupar de novo o Conselho da Universidade. Então, a ocupação foi um marco bem importante. Eu acho que depois dali eu pensei que o RU ia sair do papel, não ia mais ser o “elefante branco”.

C.J. – E, durante a ocupação da Reitoria, como que foi a tua participação mais especificamente?

L.A. – Foi muito legal, porque eu lembro que a gente fez passadas em sala de aula de outros cursos. A gente saiu da ESEF, parou na FABICO²², fomos convidando os demais estudantes para participaram. A gente estava com os instrumentos e tocamos um ato com quatro, cinco instrumentos. Um ato que tinha 400 estudantes. Na hora que os seguranças tentaram nos barrar a gente tinha instrumentos em mãos [riso] – baquetas - o que dificultava muito para eles nos barrar. Lógico que a gente não ia incitar à violência nenhuma, mas a gente foi subindo e tocando e puxando as músicas para dar o cartão de visitas do ato. Eu lembro que estava trabalhando naquela época e não pude dormir na Reitoria, mas estive lá o máximo de tempo que eu pude. Faltei às aulas que tinha que faltar. Não podia faltar no trabalho. Então, o tempo que eu não estava no trabalho, eu estava lá pela Reitoria, ajudando, contribuindo, participando das assembleias que tinham. As assembleias eram importantes porque o pessoal trazia o retorno das conversas com os diretores, com o Reitor. Lembro que foi uma assembleia bem tensa para a gente saber se a

²¹ Adroaldo Cezar Araújo Gaya, professor da disciplina de Metodologia da Pesquisa em Educação Física.

gente ia ou não ia continuar ocupando a Reitoria. Eu lembro que eu participei mais da comissão de agitação mesmo e todo o momento que eu podia estar lá eu ia para lá, inclusive, saí na televisão e no jornal, o que gerou um pouco de conflito em casa [riso], mas [trecho inaudível] tranquilo. Mas foi mais nesse sentido. E tentando chamar o pessoal da ESEF para participar, para ir lá quem não tinha ido ainda. Eu lembro que a gente conseguiu levar alguns colegas para a assembleia para decidir se a gente continuar ou não ocupando. Eu lembro que nessa assembleia o nosso posicionamento era pela retirada, porque os nossos objetivos já tínhamos conquistado. Os outros eram batalhas mais difíceis e a gente ia ter que fazer de outro jeito, com outra estratégia. Eu lembro que a gente convidou vários colegas para estarem lá, para participarem da assembleia, e foi isso aí.

C.J. – E tinha alguma instrução clara para o pessoal que estava participando da ocupação por parte da direção do ato?

L.A. – Olha, era uma direção ampliada. A gente tinha as assembleias que todo mundo podia falar, de caráter aberto, mas, com certeza, o pessoal da ESEF que estava na direção da ocupação, vinha até nós, conversava conosco, passava algumas instruções, a gente se reunia e tal. A gente teve bastante cuidado para não incitar a violência, para não deprestar nada, não quebrar, até porque aquilo ali é um patrimônio público. Não é dessa forma que a gente constrói o Movimento Estudantil. Porque a gente já está lá ocupando, já ia ficar por lá ocupando as dependências, mas lembro que a gente trabalhou na limpeza dos banheiros, na limpeza das salas onde a gente estava. Então, a instrução era essa: ficar calmo, tranquilo, porque a gente já tinha ocupado, e tentar não se passar, e mais as conversas políticas mesmo para a gente saber qual que seria nosso posicionamento. Não sei se é esse tipo de instrução que tu estavas querendo saber.

C.J. – E como que tu enxergavas o papel do Diretório Acadêmico com relação à campanha “RU na ESEF Já”?

L.A. – O ponta de lança. Se o Diretório Acadêmico não puxasse a campanha, talvez não fosse o DCE que puxaria, não fosse outro coletivo de estudantes que puxaria. Então, o D.A. teve papel primordial para que essa campanha desse certo. Desde 2005, quando a

²² Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da UFRGS.

primeira gestão se elegeu que já vinha falando da necessidade dessa luta pelo RU na ESEF, até 2006, como compromisso de campanha, com certeza o Diretório Acadêmico teve papel importantíssimo e essencial. Se não fosse o Diretório Acadêmico, não seria outro grupo de professores ou de técnicos, ou mesmo de outro grupo de estudantes que iriam até lá fazer essa campanha por nós.

C.J. – Tu achas que sairia o RU na ESEF se não tivesse a ação do Diretório Acadêmico na campanha?

L.A. – Não. Sinceramente, acho que não sairia. Acho que não ia vir uma coisa dada, uma coisa do céu, ou iria vir porque a direção da UFRGS acharia que é preciso. Acho que não sairia. Alguns acordos políticos mais tarde foram importantes também, mas esses acordos políticos não aconteceriam sem a mobilização antes. A gente sabe que nem só de acordo político, nem só de mobilização. Os dois andam lado a lado. Mas, se não fosse a mobilização dos estudantes puxada pelo Diretório Acadêmico da Educação Física e o caráter ampliado que essa luta teve, provavelmente, não teríamos RU ainda hoje.

C.J. – E, depois da campanha, qual é a tua visão sobre o Movimento Estudantil?

L.A. – [silêncio] Bom, o Movimento Estudantil, junto da classe trabalhadora, reivindicando pautas que visem um novo modelo de sociedade - melhor do que a gente está vivendo hoje - é extremamente importante nessa construção principalmente por estar formando novas, outras consciências, futuros trabalhadores que também vão para esse Movimento Estudantil. Tem a questão daquele tempo na Universidade, mas também tem a questão de conscientizar o cara para continuar lutando depois, quando for trabalhador, quando tiver no mundo do trabalho. Porque a luta não vai ter fim, nós vamos lutar sempre. Então, a gente tem que ter um quadro forte de pessoas lutando por isso e puxando esse movimento contra-hegemônico, remando contra a maré. O Movimento Estudantil é muito importante estando do lado da classe trabalhadora, lutando por esses anseios e, com certeza, também como formador, porque o Movimento Estudantil, para mim, foi extremamente importante, além de dar uma visão ampliada do mundo - de conjuntura -. Se

hoje eu faço parte de um movimento de residentes, de um movimento em defesa do SUS²³, com certeza, foi uma herança do Movimento Estudantil. A minha estada no Movimento Estudantil foi muito importante enquanto formação humana. É uma escola muito maior do que qualquer sala de aula. No Movimento Estudantil aprendi muito mais do que com qualquer livro de fisiologia humana - sem desmerecer o conteúdo [riso] -. Se, atualmente eu estou adotando mais essa pauta de lutar em defesa do SUS, por um sistema público estatal de saúde melhor, para atender a população, é muito por causa do que eu aprendi no Movimento Estudantil e a gente segue lutando. O Movimento Estudantil para nós é três, quatro anos, mas a gente conseguiu deixar um benefício que vai agora perpetuar. Tem um RU na ESEF. A conquista dos estudantes vai ficar para todo sempre. E acho que isso é importante, que o Movimento Estudantil esteja sempre articulado com a base e com a população porque, afastado da base e da população, ele perde efeito e aí ele acaba colocando a luta só dentro da Universidade. O Movimento Estudantil na rua, junto das comunidades, aí é outra coisa, aí é mais um parceiro lutando por um mundo melhor.

C.J. – E qual é o acúmulo que ficou de toda a campanha para o Movimento Estudantil?

L.A. – O acúmulo é que é preciso ter organização, sistematização, e dialogar com a base. Se fosse um movimento muito de vanguarda, talvez, não dialogaria tanto com a base e não teria tanta força. Mas, não ser tanto de vanguarda, não quer dizer que tenha que ceder. Então, é uma linha tênue que tu tem que trabalhar bem. Tu não podes abrir mão das bandeiras principais, mas tem que tornar elas dialogáveis com a base. Isso é importante. Não adianta o movimento ser composto por cinco, seis pessoas. A gente precisa de oxigenação, de mais pessoas pegando junto até para mostrar a legitimidade que a gente pauta. E também muito estudo, porque, quando se tem o estudo, se consegue organizar e sistematizar melhor as ações, as táticas, as estratégias [silêncio]. Acho que isso é uma herança importante para o Movimento Estudantil para as próximas campanhas: a questão de saber como utilizar as táticas, as estratégias, e sempre dialogando com a base.

C.J. – Hoje, qual é a relação que tu tens com o Diretório Acadêmico ou o Movimento Estudantil?

²³ Sistema Único de Saúde.

L.A. – Não dá para dizer que eu me desgarrei ainda. Muitos dos meus amigos estão no Movimento Estudantil ainda. Estão cursando a faculdade. Hoje, eu faço parte de um movimento nacional e local de residentes e a gente tem essa pauta junto com os estudantes - mais com os da área da saúde -. Trata mais da área da formação para o SUS. Então, a gente ainda tem bastante contato. A gente figura ainda nos espaços do Movimento Estudantil, a semana acadêmica. A gente ainda está perto. E a gente tem pautas em comum sim. Como eu estava falando antes, o Movimento Estudantil tem que estar na rua, e, estando na rua, a gente também está na rua, também está junto. Temos muitas pautas em comum. Seguimos lutando. Vejo que o Movimento Estudantil, enquanto movimento combativo, forte, vai ser sempre um parceiro nosso, sempre junto da classe trabalhadora. Então, meu contato é esse. A gente segue lutando junto aí, em outras vias, mas continuamos lutando junto. Jogamos futebol juntos também, outras coisas importantes [riso].

C.J. – Tem mais algum ponto com relação ao tema que tu gostarias de falar? Alguma história que tu gostarias de contar, algo que tu aches que não foi dito?

L.A. – Acho que uma coisa que foi muito importante foi quando eu tive a oportunidade de fazer uma disciplina e, nessa disciplina, tinha uns seis integrantes do D.A. Ali foi o pulo do gato. Ali eu pensei: “Não, só apoiar não dá. Tenho que me organizar, que estar junto com eles. A galera tem um debate bom, tem um debate qualificado. Está na hora de me organizar também”. Inclusive, eu estava pensando em largar a Educação Física. Estava meio desanimado, não estava vendo muita perspectiva. Isso foi em 2006. Em 2007, fui para o meu primeiro Encontro Regional de Estudantes de Educação Física. Voltei de lá com outro gás, acreditando que uma outra Educação Física era possível, um outro mundo era possível, mas isso só podia acontecer se a gente se organizasse coletivamente. Então, se não tivesse entrado no Movimento Estudantil, provavelmente, teria desistido do curso, não estaria mais na Educação Física. Além de propor, além de pautar questões sempre coletivas, ainda me deu um apoio individual e conseguiu me manter na Universidade ainda. Ali eu vi que eu tinha uma coisa para acreditar, que tinha uma coisa que era importante ser feita, que tinha que ser feita. Ali eu vi sentido no meu espaço enquanto estudante universitário.

C.J. – Então, é isso. Obrigado.

[FINAL DO DEPOIMENTO]